

“OLHARES ESPECIAIS”
OFICINA DE FOTOGRAFIA NA ESCOLA DE INCLUSÃO DA UFPEL

PAULAINÉ OLIVEIRA DE LIMA¹; LORENA ALMEIDA GILL²

¹*Universidade Federal de Pelotas – paulaine.lima@ufpel.edu.br*

²*Universidade Federal de Pelotas – lorenaalmeidagill@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

A Escola de Inclusão da UFPel surgiu em 2015, através de uma demanda de um espaço que promovesse integração entre a comunidade externa e a comunidade acadêmica da Universidade. Promovida pela então, à época, assessora da reitoria, a Profª Drª Lorena Almeida Gill, em conjunto com os representantes da Associação de Pais e Amigos de Jovens e Adultos com Deficiência (APAJAD), a Escola de Inclusão tem por objetivo fornecer, através de atividades pedagógicas, ações que fomentem o desenvolvimento dos alunos e que promovam a socialização dessas pessoas com mais de 25 anos, que possuem deficiências, como Síndrome de Down, Autismo e Paralisia Cerebral e que, por terem uma idade mais avançada, já não são atendidos por outras entidades.

O presente trabalho relatará sobre a oficina de fotografia ministrada aos alunos da Escola, realizada entre agosto de 2015 e agosto 2017, no campus Anglo da Universidade Federal de Pelotas, pela discente de Cinema e Audiovisual da mesma instituição, Paulaine Oliveira de Lima, sob orientação da Profª Drª Lorena Almeida Gill, tutora da referida aluna no Programa de Educação Tutorial (PET) no grupo Conexões de Saberes Diversidade e Tolerância, ao qual este projeto está vinculado.

A oficina, em primeiro momento, teve por objetivo identificar a familiaridade com o equipamento fotográfico, apresentá-lo e, ainda, identificar as facilidades e dificuldades individuais dos alunos no ato de fotografar, buscando fornecer as condições mínimas para executar as atividades práticas e desenhar um projeto que atendesse as especificidades de cada aluno. Já no segundo momento, foram elaborados encontros temáticos para as fotografias e os alunos foram divididos em duplas, tanto por afinidade, quanto para que pudessem auxiliar uns aos outros e suprir eventuais necessidades. Os encontros ocorriam semanalmente, às terças-feiras, com uma duração de aproximadamente duas horas.

Ao final de um período de dois anos, considerando a entrada e saída de alunos, foram um total de 12 participantes com maior incidência e destes, foram escolhidas entre duas e três fotos por tema, para compor uma exposição, que foi o produto final da oficina, pensada para promover visibilidade à Escola de Inclusão e proporcionar aos alunos a experiência de exibir suas realizações para toda a comunidade.

2. METODOLOGIA

Em primeiro momento, realizou-se uma reunião com os representantes da APAJAD, para que o projeto fosse apresentado e assim obter aprovação para sua implementação.

O projeto inicial contava com apenas 1h de oficina às terças, porém, observada a quantidade de alunos e a diferença de tempo de aproveitamento entre os grupos, a oficina passou a durar cerca de 1h30 a 2h, sempre às terças.

As primeiras aulas foram destinadas à apresentação do equipamento, sobre como utilizá-lo com segurança e efetividade. Porém, tal instrução repetiu-se ocasionalmente, devido ao ingresso de novos alunos à escola ou por restrições ligadas às deficiências de alguns alunos, que dificultam a memorização dos procedimentos.

Entre as atividades da oficina, também foram utilizados outros recursos audiovisuais como motivadores, tais como elaboração de histórias e personagens e sessões de filmes, sem relação com fotografia, mas que otimizavam as relações interpessoais da turma. Tal abordagem visava que, através da construção de intimidade entre os alunos em momentos de descontração, facilitaria o contato dos grupos nas sessões de fotografia, medida que mostrou-se bastante efetiva.

Passado um período de aproximação e reconhecimento do equipamento, foram apresentados aos alunos temas para guiarem suas fotografias. As temáticas foram elaboradas em formato de perguntas, sendo estas "Como eu vejo o Anglo?", "O que eu acho bonito?", "O que eu mais gosto?", "O que eu acho diferente?", "O que me dá mais medo?", "O que parece desconhecido?".

O espaço destinado para fotografar foi o todo interior e o exterior do campus Anglo da Universidade Federal de Pelotas, e os alunos circulavam livremente, sempre em duplas, com aproximadamente 20 minutos para cada um, acompanhados pela ministrante, que auxiliava apenas na operação do equipamento, porém a escolha dos espaços fotografados era exclusivamente feita pelos alunos.

Durante todo o projeto os alunos utilizaram apenas uma câmera semi profissional, da marca Nikon, modelo D500 e de lente comum. Houve a possibilidade de utilizar uma câmera profissional, porém tal equipamento demandava variação de lentes, algo que nos primeiros contatos com a câmera, verificou-se que dificuldades motoras no manuseio da mesma, seriam significativas no aproveitamento dos alunos e para garantir que todas as imagens tivessem a mesma qualidade, optou-se por utilizar uma mesma câmera, porém de modelo mais simples.

Ao final de dois anos, as fotos coletadas foram analisadas e selecionadas para a realização de uma exposição, intitulada "Olhares Especiais".

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Devido a troca de alunos da Escola de Inclusão, na qual chegaram e saíram integrantes no período de execução da oficina, apenas 12 participantes obtiveram aproveitamento de todos os temas trabalhados. Contudo, observou-se uma melhora de coordenação motora dos alunos em relação ao equipamento e também, uma maior familiarização com o mesmo.

No início da oficina, muitos mostravam-se tímidos e desconfortáveis em relação a câmera e ao ato de fotografar. Nos últimos dias de realização, todos se mostravam interessados em continuar fotografando e solicitaram a continuação dos estudos audiovisuais, com oficinas de vídeo.

Juntamente à continuidade das atividades com oficinas de vídeo, a coletânea das fotos temáticas, resultou em uma exposição para a comunidade acadêmica e externa, realizada na galeria do Instituto de Artes e Design da Universidade Federal de Pelotas.

Recebendo o nome de “Olhares Especiais” a exposição teve duração de uma semana e contou com cerimônia de abertura e a cobertura de mídias locais. A ideia foi construída, com o intuito de proporcionar aos alunos a experiência de exibirem suas fotografias como profissionais e também trazer maior visibilidade à Escola de Inclusão, instigando a aproximação de voluntários para novas oficinas.

4. CONCLUSÕES

A experiência de ministrar uma oficina de fotografia em um período de dois anos, acompanhou um longo período dentro da graduação em Cinema e Audiovisual, o que proporcionou um alto desenvolvimento das habilidades aprendidas em aula.

Na busca por práticas pedagógicas adequadas ao público da oficina, houve um desenvolvimento profissional e pessoal da proponente. E as técnicas desenvolvidas por esta podem, através de estudos posteriores, auxiliar novos projetos semelhantes.

A fotografia, além de recurso audiovisual, é também ferramenta de socialização. Torná-la acessível e inclusiva é um primeiro passo para uma sociedade cada vez mais capaz de dialogar entre si e sem distinções.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livro

CARTIER-BRESSON, H. **O Imaginário segundo a Natureza**. Moscou, 2014.

Resumo de Evento

TELES, A. M. O Uso da Fotografia como Instrumento de Inclusão Social – uma Experiência com Adolescentes de uma Comunidade de Baixa Renda na Cidade de Blumenau/SC. In: **VIII INTERCOM**, Passo Fundo, 2007.

Documentos eletrônicos

USP. **A Fotografia como Retrato da Sociedade**. Revista USP Digital, São Paulo, 23 fevereiro. 2013. Especiais. Acessado em 15 mar. 2015. Online. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/12738.pdf> Acesso em 9 de setembro de 2018.